

Arthur Dapieve

**MORREU NA  
CONTRAMÃO**  
o suicídio como notícia



**ZAHAR**

Jorge Zahar Editor

Rio de Janeiro

Copyright © 2007, Arthur Henrique Motta Dapieve

Copyright da edição brasileira © 2007:

Jorge Zahar Editor  
rua México 31 sobreloja  
20031-144 Rio de Janeiro, RJ  
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800  
e-mail: [jze@zahar.com.br](mailto:jze@zahar.com.br)  
site: [www.zahar.com.br](http://www.zahar.com.br)

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Projeto gráfico e composição: Leo Boechat

Capa: Dupla Design

Ilustração da capa: © Malcolm Hanes/Etsa/Corbis

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Dapieve, Arthur, 1963-

D222m Morreu na contramão: o suicídio como notícia / Arthur Dapieve.  
– Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7110-980-3

1. Suicídio. 2. Suicídio na comunicação de massa. 3. Jornalismo.  
I. Título.

CDD: 070.44

CDU: 070.44

07-0243

## *Sumário*

---

<i>Prefácio</i> <b>Sobre o sentido da vida</b>	7
<i>Introdução</i> <b>Nas entrelinhas do noticiário</b>	13
<b>Dois escritores em Turim:</b> Durkheim e sua clássica tipologia do suicídio	25
<b>Um casal em Londres:</b> Relações perigosas entre jornais e morte voluntária	55
<b>Um presidente no Catete:</b> O velho tabu visto no Brasil do século XXI	99
<i>Conclusão</i> <b>Encarando o suicídio</b>	161
<i>Notas</i>	173
<i>Referências bibliográficas</i>	185
<i>Agradecimentos</i>	195

Diferentemente do discurso amoroso, o discurso suicida e meta-suicida é incorporado tanto por uma multidão de sujeitos – mesmo Barthes assim afirma no seu “verbete” dedicado ao suicídio – quanto por uma multiplicidade de discursos, como atesta a profusão de títulos dedicados ao assunto nas ciências humanas, sociais e biológicas. Sendo, portanto, tema passível de abordagem filosófica, sociológica, antropológica, psicológica, médica, jurídica, histórica, política, religiosa, ética etc., o suicídio se constitui num ponto nevrálgico não somente do homem como das fronteiras disciplinares. Em *Les suicides*, por exemplo, Jean Baechler, não sem ironia, reclamou-lhe um não-lugar. “Eu não sou médico, nem psiquiatra, nem psicanalista; eu não sou moralista, nem filósofo, nem teólogo; eu não sou etnólogo, nem psicólogo e tampouco sociólogo. Assim, eu preencho as condições necessárias, se não suficientes, para estudar os suicídios”, escreveu.

Em *Histoire du suicide: la société occidentale face à la mort volontaire*, Georges Minois, relatando a ausência de menções ao suicídio nos estudos de Michel Vovelle e de Philippe Ariès sobre a morte, lembrou que isso se deve, em parte, a falhas documentais: “As fontes que concernem às mortes voluntárias são diferentes daquelas que relatam as mortes naturais. Os famosos registros paroquiais de falecimentos não são aqui de nenhuma ajuda, porque os suicidas não tinham direito à inumação religiosa.” Para Minois, os historiadores deveriam se dirigir a fontes heteróclitas (memórias, crônicas, jornais, literaturas) e a arquivos judiciais, pois a morte voluntária quase sempre foi considerada crime.

No meu caso, um pouco como Barthes empregou o *Werther*, utilizei *O suicídio: estudo de sociologia*, de Émile Durkheim, como “leitura regular”. O livro é uma referência obrigatória quando se estuda o suicídio. Não por ser o primeiro. Sua própria bibliografia o comprova: está coalhada de livros de médicos e psicólogos sobre a morte voluntária. Durkheim, porém, propõe uma mudança drástica na abordagem do fenômeno: não mais vê-lo como a expressão individual de uma doença ou de uma loucura e sim como a expressão individual de um fenômeno coletivo. Pensando dessa forma, isolou para análise uma tipologia do suicídio ainda válida, dividida em egoísta, anômico e altruísta. Além disso, aceitou a idéia de “contágio” dentro das sociedades e admitiu que, mais do que o mero boca-a-boca, a imprensa poderia potencializar esta “transmissão”.

Busquei, então, examinar de forma mais atenta o papel dos jornais nisso. Foi útil, para tanto, a minha experiência profissional, entre outras redações, nas do *Jornal do Brasil* (1986-91) e de *O Globo* (1992-2000). Tornei-me, aí, um “observador participante”. Nascido na Escola de Chicago, esse método socioantropológico prescreve a virtual imersão do pesquisador no objeto pesquisado de modo a captar-lhe as sutilezas de conduta, seja por entrevistas com personagens-chave ou consulta a seus documentos (reportagens), seja por observação direta ou experiência de vida.

Percebi, nesta análise, que muito mais do que ser determinante do modo como os leitores encaram o suicídio, a imprensa, sim, é determinada pela visão que os leitores têm da morte voluntária. Dentro dessa perspectiva, a imprensa se

colocaria não como vetor do “contágio”, mas como instância social solidária ao tabu que a suplanta. Em artigo no livro *A Handbook of Qualitative Methodologies for Mass Communication Research*, Gaye Tuchman, da Universidade de Connecticut, apontou três mudanças importantes introduzidas pela “observação participante”. A primeira diz respeito à unidade de análise, quando o repórter ou o editor individual dá lugar a empresas de notícias “como instituições complexas”. A segunda enaltece os estudos “implicitamente políticos”, embora enquadrados em linguagem acadêmica “neutra”. A terceira, finalmente, chama a atenção para os estudos que levantaram um tema epistemológico chave: “Como empresas de notícias vêm a ‘saber’ o que ‘sabem’.”<sup>4</sup>

Para mim, de particular importância era a segunda das mudanças mencionadas por Tuchman. Meu interesse era tentar entender como o noticiário apóia as interpretações oficiais (ou hegemônicas) de um fato controverso – o suicídio. Ou seja, o modo como ele reflete e reforça o senso comum sobre o assunto, com a condenação quase unânime quando se trata de um suicídio motivado por problemas ou decisões particulares (dissabores amorosos, como Werther, ou dívidas) e a absolvição quase unânime ou, ao menos, a relativização quando se trata de um suicídio motivado por causas externas ao sujeito que se mata (como o homem-bomba islâmico). Ou, para recorrer à tipologia de Durkheim, a condenação do suicídio egoísta ou anômico; a absolvição ou relativização do suicídio altruísta.

Escolhi para pôr sob a lupa, e investigar como o suicídio é de fato *falado*, o material sobre o tema publicado no ano

de 2004, no jornal carioca *O Globo*, um dos quatro maiores diários do país, cuja tiragem média é de quase 300 mil exemplares.<sup>5</sup> Além disso, sua linha editorial é coerente com a de todos os veículos de comunicação das Organizações Globo (outros jornais, emissoras de televisão, rádios, revistas, sites de internet) e estabelecida em reuniões semanais entre seus principais executivos. Portanto, é razoável supor que mais ou menos as mesmas deliberações fundamentais – quanto ao suicídio ou a qualquer outro tema polêmico – sejam apresentadas diariamente diante de um público de dezenas de milhões de brasileiros, refletindo e alimentando suas convicções, num processo contínuo que impossibilita definir onde acaba uma etapa e começa outra.

Sendo verdade que “a notícia é um pedaço do social que volta ao social”, como disse Bernard Voyenne, redator do jornal *Combat* junto com Camus durante a Segunda Guerra Mundial, os vínculos entre uma imprensa livre e sua sociedade são indissolúveis. Tais vínculos são tanto os manifestos quanto os ocultos, o dito e o não-dito. Segundo Teun A. van Dijk, professor de Estudos do Discurso na Universidade de Amsterdã, em outro artigo de *A Handbook of Qualitative Methodologies*, a notícia é uma importante formadora de opinião não só pelo que diz e pelo que não diz, mas também pelo como diz. Para Van Dijk, uma das mais poderosas noções na análise crítica das notícias é a de “implicação”. Considerável porção da informação de um texto não é expressada de forma explícita. Tanto palavras quanto orações podem implicar conceitos e proposições passíveis de serem inferidos a partir do conhecimento prévio – o que, eviden-

temente, tem importantes aspectos ideológicos. A análise do não-dito é às vezes tão ou mais reveladora que o estudo do que de fato foi dito no texto.<sup>6</sup>

Em si mesmo, como acentua Van Dijk, este método contém os elementos de uma interdisciplinaridade, conforme agrega antropologia, etnografia, microssociologia, psicologia social e cognitiva, poética, retórica, estilo, lingüística, semiótica e “outras disciplinas nas ciências humanas e sociais interessadas no estudo sistemático de estruturas, funções e processamento de texto e fala”. Procurei expor a ideologia em torno do suicídio nas linhas e entrelinhas do noticiário.

Antes de se aventurar *O capital* adentro, o jovem Marx escreveu, em 1846, um texto pouco conhecido, *Sobre o suicídio*, publicado uma única vez enquanto viveu. Na verdade, Marx pegou um texto de Jacques Peuchet (1758-1830), ex-arquivista policial em Paris, entre outras coisas, como jornalista e funcionário de ministério, e subscreveu as opiniões dele sobre o assunto, apenas acrescentando, aqui e ali, suas próprias palavras e reflexões. “Unidos”, o conservador francês e o progressista alemão viram, em quatro casos de suicídio, três deles cometidos por mulheres, a “coisificação” do ser humano na vida burgueso-capitalista. “A classificação das diferentes causas do suicídio deveria ser a classificação dos próprios defeitos de nossa sociedade”, escreveu Peuchet, encampou e adaptou Marx.

“Juntos”, os dois autores defenderam os suicidas da acusação de anormalidade e covardia, argumentando que o suicídio pode se afigurar como a única porta deixada aberta pela opressão, a única saída de uma rotina de abjeções e in-

dignidades: “O suicídio não é, de modo algum, antinatural, pois diariamente somos suas testemunhas. O que é contra a natureza não acontece. Ao contrário, está na natureza de nossa sociedade gerar muitos suicídios.” Mais de um século e meio depois, com as taxas de suicídios mantendo curvas ascendentes, continuamos como testemunhas, mas de um tipo muito particular: aquele que se recusa a ver o que ocorre à sua volta. Nisso, como noutras coisas, a imprensa é nosso espelho.